

HISTÓRIAS DE VIDA: UM MÉTODO QUALITATIVO DE INVESTIGAÇÃO

(2004)

Rui Tinoco

Investigador Agência Piaget para o Desenvolvimento (APDES) - Portugal

Email:

rptinoco@yahoo.com

RESUMO

Vamos tecer uma panorâmica sobre a evolução do método autobiográfico. Pesquisaremos os antecedentes de um interesse sobre as histórias de vida, mas é o estudo dos comportamentos desviantes que nos trará uma autonomização do método no primeiro quartel do século XX. Após um interregno de quarenta anos, a obra de Oscar Lewis *The Children of Sanchez* veio renovar o método, possibilitando-lhe um segundo fôlego. Actualmente, à escolha do estudo de um percurso biográfico isolado, soma-se a opção da acumulação de histórias de vida. As disciplinas que informam a investigação na área têm vindo a multiplicar-se propondo novas vias de intervenção e aconselhamento psicológico (em que se pensam também as condicionantes sociais da existência). Daremos, com isto, uma breve panorâmica do método nestas diversas áreas e disciplinas.

Palavras-chave: Abordagem biográfica, histórias de vida, métodos qualitativos

A investigação biográfica poderá ser facilmente confundida com um exercício de anamnese. No entanto, após um olhar mais cuidadoso podemos desmistificar facilmente a ideia. Vamos centrar o nosso trabalho na explanação de alguns importantes marcos científicos que marcaram a história da investigação biográfica ou autobiográfica¹. Da mesma forma, vamos também interessar-nos por movimentos anteriores à ciência que testemunham que o interesse pelas histórias de vida é antecede as abordagens centradas nos cânones científicos.

¹ Método autobiográfico por ser uma investigação que incita os sujeitos a realizarem pequenas autobiografias – que serão assistidas pelo investigador. Certos autores preferem o termo, por ele dar conta dessa reflexividade assistida, outros optam simplesmente pelo termo de biografia ou histórias de vida.

A biografia de um indivíduo ou conjunto de indivíduos interessou, em primeiro lugar, ao jornalismo e até a uma certa literatura que se centrava no estudo dos detalhes biográficos dos homens célebres. Progressivamente, durante o século XX, diversas ciências sociais e humanas propuseram uma miríade de possibilidades metodológicas que, ainda hoje, servem de esteio a todos os que se vierem a interessar sobre este campo de estudo.

Antecedentes

O interesse pela biografia de figuras ilustres e de algum modo tutelares da sociedade remonta, para só nos atermos a séculos mais recentes, a Carlyle. Diversas obras da sua autoria tiveram uma grande aceitação perante o público da época. De facto, o primado do individualismo acarreta consigo o interesse pelo que é diverso e diferente, pelo que é moralmente superior. Assim, biografias de Napoleão, ou de conquistadores célebres da antiguidade, obtiveram grande sucesso (Boornstin, 1993).

A compreensão profunda deste interesse excede em muito os objectivos deste artigo. Podemos, apesar de tudo, afirmar que a transição de sociedades colectivas para as que fundam os princípios nucleares do seu funcionamento no indivíduo teve um papel de inegável importância.

O interesse pelo que é diverso não se ateve, porém, às biografias de casos isolados, ou de histórias de vida exemplares por algum motivo. Desde cedo, o interesse extravasou essa área, para se passar a aplicar às culturas estranhas e diferentes. Bertaux (1989) situa no século XIX um interesse especial pelas histórias de vida de indivíduos pertencentes a culturas exóticas e, de alguma forma, marginais. A recolha de biografias de membros de comunidades de índios norte-americanos serviu, pela primeira vez, um objectivo que viria a ser recorrente em muitas das investigações que se seguiram, especialmente no que à antropologia diz respeito: o levantamento de práticas e costumes de culturas minoritárias ou em vias de desaparecimento.

Podemos antever a extensão e o detalhe que uma história de vida deste tipo requer: será necessário fazer o levantamento de inúmeras esferas quotidianas de vida. A construção de histórias de vida noutros contextos, não necessitará de um tal detalhe, o investigador estará seguramente mais próximo do sujeito que estuda (iremos mais tarde retomar este aspecto).

Mayhew, um jornalista da Londres oitocentista, publicou diversas crónicas que suscitaram interesse. O autor efectua uma série de levantamentos de histórias de vida de indivíduos pertencentes a classes pobres (Neves, 1997). Esse levantamento era complementado com a observação naturalística dos contextos em que os seus biografados viviam. Logo nos primórdios, revela-se um interesse que seria recorrente ao longo do desenvolvimento deste método: a biografia de classes ou grupos sociais minoritários ou marginalizados no todo social.

Primeiros estudos científicos

A que viria a ser conhecida como a escola de Chicago advogou precisamente a aplicação de certas técnicas antropológicas para o estudo de dinâmicas urbanas e de diversas comunidades minoritárias das cidades modernas. O método biográfico, então nos seus primórdios, foi utilizado conjuntamente com outros métodos antropológicos no estudo de comunidades imigrantes, vítimas de exclusão social na caótica Chicago do início do século XX.

Robert Park em 1915 começa a incentivar, de uma forma continuada e sistemática, a observação participante e outros métodos, mais usados pela antropologia, no estudo das margens degradadas da grande urbe. W. I. Thomas, outro mestre tutelar da escola² de Chicago, teve um percurso semelhante. A obra monumental que produziu com Florian Znaniecki, publicada em 1918, é pioneira pelo seu carácter plurimetodológico e, sobretudo, para o que é relevante para aqui, pela utilização de material biográfico. Os dois autores utilizaram diverso material desse tipo para alicerçarem o seu estudo. Socorreram-se de diários, cartas e de todo o tipo de material que pudesse testemunhar as dimensões subjectivas da comunidade que pretendiam analisar: a comunidade de polacos que emigraram para a cidade.

Apesar das dimensões biográficas já serem importantes nestas abordagens não adquiriram ainda uma autonomização que viria a ser recorrente a partir de certo momento. Analisaremos, muito sucintamente, duas obras basilares que configuram duas hipóteses de trabalho que se viriam a constituir como linhas de investigação.

Clifford Shaw dedicaria muito do seu esforço como investigador à elaboração de histórias de vida. O autor incentivava os menores em risco que acompanhava a realizarem pequenas autobiografias. A reflexão permitiria, certamente, uma primeira forma de intervenção, promovendo o *insight* e a tomada de decisão relativamente ao futuro de cada um dos menores atendidos. Este tipo de trabalho permitiria a recolha de histórias de vida muito ricas e ilustrativas de certos meios sociais.

O trabalho publicado pelo autor intitulou-se *The Jack Roller - Delinquent boy's own story* (1930) e centra-se em torno das etapas biográficas de Stanley, um jovem delinquente, acompanhando-o desde as dificuldades familiares iniciais, ao percurso por instituições de tutela, até ter chegado à actividade criminal menos apreciada no mundo criminal: o assalto de rua. Edwin Hardin Sutherland, por seu lado, na obra *The Professional Thief* (1937) aproveita o testemunho de Chic Conwell, um ladrão profissional “reformado”, para sistematizar as regras desse mundo desviante.

² Thomas. W. I & Znaniecki, F. (1918) *The Polish Peasant in Europe and America*. (5 vols). Boston: Richard G. Badger, 1918-20 (Vol. I and II originally published by the University of Chicago Press).

Em suma: estamos perante dois modos complementares de encarar a sistematização das histórias de vida: a primeira, centra-se sobretudo no indivíduo e nas suas particularidades para depois confrontar-se com interpretações teóricas; a segunda, serve-se da história de vida como instrumento de levantamento de regras sociais de determinadas subculturas ou segmentos específicos da sociedade.

As disciplinas

É dado adquirido, por diversos autores, que as abordagens qualitativas foram relegadas para segundo plano no conjunto das ciências sociais e humanas. O primado quantitativo relegou as histórias de vida para um plano secundário que só foi possível reverter, ainda que parcialmente, com o célebre trabalho de Óscar Lewis (1963) *The Children of Sanchez*. O trabalho partiu da antropologia e visava a investigação de uma família mexicana nos seus diversos aspectos de vida.

Os projectos biográficos acabaram por se multiplicar a partir de então. Catani & Mazé (1983), por exemplo, voltaram à questão da emigração, produzindo uma biografia de Mazé (a quem Catani dá co-autoria do texto) uma emigrante italiana em França. Diversas disciplinas como a sociologia, criminologia, psicologia entre outras voltam a interessar-se por esta possibilidade metodológica, publicando investigações em que a classificação disciplinar não é muito óbvia...

Durante este longo hiato, a psicologia manteve-se de um modo geral afastada deste género de abordagens. Alguns autores da área revoltaram-se com este estado de coisas. Assim, temos Allport (1942) a advogar o uso de documentos biográficos no estudo da personalidade. Anteriormente, também Politzer (1928) se revolta com o tecnicismo demasiado preponderante das investigações psicológicas, defendendo que o objecto da nossa ciência deveria ser o estudo da “gramática da existência”.

Uma sistematização metodológica

As histórias de vida podem ser de caso único e possuem já uma longa tradição no interior da psicanálise mas não só: como vimos, a sociologia também é pioneira neste tipo de abordagens. O interesse do estudo de um caso particular prende-se normalmente por ser especialmente ilustrativo de um fenómeno mais global. A biografia pode centrar-se nos detalhes do indivíduo ou, pelo contrário, utilizar a história de vida recolhida para compreender as regras e funcionamento de um certo grupo social. Neste caso, a motivação da investigação não se centra na história de vida propriamente dita, mas no que ela autoriza concluir das relações interpessoais de determinada comunidade de pessoas.

As histórias de vida cruzadas procedem através da acumulação de registos (Poirier *et tal*, 1995). Quer isto dizer que a investigação não se centra num percurso biográfico particular, pelo contrário: o material de estudo é constituído pela acumulação das histórias. Em suma: o material recolhido é fundido num só texto; sobre esse texto proceder-se-á a uma análise de conteúdo que será diferente de acordo com os objectivos do projecto. Assim, poderemos traçar trajectórias tipo de determinado segmento da população ou, nos casos que assim se justificar, poderemos propor tipologias biográficas.

Quanto à profundidade e intensidade da recolha biográfica, também ela poderá ter diversas nuances. A opção encontra-se entre a história de vida total e a história de vida temática ou parcelar. Na primeira, os objectivos antropológicos são, normalmente, dominantes: a investigação deseja recolher todos os hábitos culturais, quotidianos; trata-se de compreender o modo como determinada cultura se organiza – ou subsiste - em contacto com formas sociais dominantes (pensamos especificamente no caso dos estudos sobre imigração). As biografias temáticas centram-se em figuras que nos são mais próximas: por pertencerem a uma mesma cultura, o interesse centra-se principalmente no levantamento de determinadas especificidades biográficas.

Ilustração: o estudo de certas comunidades de consumidores de heroína dispensa a análise de hábitos funerários ou os rituais de casamento. Por outro lado, a análise de uma comunidade de ciganos exigiria o levantamento exaustivo de um modo de viver em sociedade que é radicalmente oposto à sociedade dita normativa.

Questões metodológicas

A investigação qualitativa, baseada em recolha biográfica, tem um modo de pensar o projecto científico bem diferente do que domina a esmagadora produção das ciências sociais. O que poderá provocar mais reticências é normalmente o abandono da ideia de representatividade das amostras. Normalmente, não é isso que se pretende: a abordagem é compreensiva, privilegiando uma profunda análise do material recolhido.

O conceito de saturação do material poderá ser útil para ajudar à compreensão do critério de amostragem destes estudos (Glaser e Strauss, 1967). As entrevistas vão sendo recolhidas e analisadas, a partir de certo momento do projecto, há uma ideia de saturação, isto é os diversos entrevistados começam a repetir ideias e posições. A saturação do material é significativa de certas regularidades que cumpre interpretar à luz do quadro teórico que informou o projecto. Pelo mesmo motivo, poderá ser interessante reflectir sobre o motivo de certas áreas da análise não estarem saturadas. Digneffe & Becker (1997), por exemplo, relatam um esquecimento colectivo do período da segunda guerra mundial nas recolhas biográficas efectuadas junto de diversos alemães...

Em relação a procedimentos de verificação da veracidade do material, as hipóteses também são várias. Desde logo, o possível enviesamento do material encontra-se naturalmente diluído nas histórias de vida cruzadas: o acumulado de biografias relativizaria pontuais imprecisões, ou mesmo faltas de sinceridade. As outras possibilidades passam pelo complemento da informação junto de familiares (Catani & Mazé, 1982); junto de pessoas significativas (Romaní, 1995 complementa a recolha das trajectórias de recuperação de heroinómanos entrevistando as pessoas consideradas mais significativas nesse mesmo processo); uma outra possibilidade nasce de recolhermos as biografias partindo de material documental (Agra, 1999, preconizou o preenchimento de um biograma, através de material recolhido em processos e que depois estruturaria a entrevista propriamente dita).

Temos, pois, esboçada aqui a possibilidade de uma renovação contínua do método por cada investigação realizada, o que nos põe constantemente em busca de novas pistas e de novos desafios.

Histórias de vida como método de aconselhamento

A área da formação profissional tem vindo a procurar possibilidades de intervenção na tradição biográfica. Trata-se aqui de um trabalho específico de orientação e aconselhamento. Através da construção exaustiva das trajectórias profissionais de cada um e da reflexão sobre elas, poder-se-á efectuar uma intervenção de aconselhamento (Vassilef, 1995).

Legrand (1993) tem vindo a reflectir sobre a construção conjunta de biografias como um modo de intervenção psicológica. O autor defende que a reflexão sobre a história de vida e um trabalho específico sobre o passado poderá desencadear mudanças no indivíduo. Uma das diferenças da abordagem reside precisamente em reflectir sobre os condicionalismos sociais a que todos nos encontramos sujeitos e nos determinam em muitos aspectos das nossas vidas.

Reflexão final

O texto pretendeu realizar um breve percurso sobre o modo como as diversas ciências sociais e humanas têm vindo a encarar as histórias de vida como objecto de estudo e de

intervenção. O advento da psicologia narrativa propõe um novo campo de análise: com efeito, a intervenção clínica passará a ter em conta o modo como o sujeito constrói a sua história pessoal; sobre as excepções significativas a uma narrativa tipo etc.

Por outro lado, as histórias de vida confrontam-nos com a diluição das fronteiras disciplinares a que nos habituámos até há bem pouco tempo. Neste sentido, seria curioso o levantamento do percurso profissional dos próprios investigadores, por exemplo: especialistas do direito estudam trajectórias criminais; sociólogos propõem histórias de vida familiares, entre muitos outros casos de aparente hibridismo disciplinar...

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Agra, C. (1999). *Entre a droga e o crime – actores, espaços, trajectórias*. Lisboa: Editorial Notícias.

Allport, G. (1942). *The use of personal documents in Psychological Science*. New York: Social Science Research Council.

Bertaux, D. (1989). Les récits de vie comme forme d'expression, comme approche et comme mouvement (pp 17-38) In G. Pineau & G. Jobert (Ed.) *Histoire de vie - utilisation pour la formation vol 2*. Paris: L'Harmattan.

Boornstin, D. J. (1993). *Os Criadores – Uma história dos heróis da imaginação*. Lisboa: Gradiva Editores.

Catani, M. & Mazé, S. (1982). *Tante Suzane - une histoire de vie sociale*. Paris: Librairie des Méridiens.

Digneffe, F. & Becker, M. (1997). Do indivíduo ao social: a abordagem biográfica (pp. 203-245) In *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Glaser, B. G. & Strauss, A. L. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter.

Legrand, M. (1993). *L`approche biographique*. Marseille: Hommes et Perspectives.

Lewis, O. (1963). *The Children of Sanchez*. Paris: Gallimard, 1993.

Neves, T. (1997). *Mayhew, Shaw and the use of life histories for the study of delinquency and marginality*. London: Goldsmiths College (unpublished).

Pineau, G. & Le Grand, J. L. (1993). *Les histoires de vie*. Paris: Press Universitaire de France.

Plummer, K. (1983). *Documents of life - an introduction to the problems and literature fo a humanistic method*. London: George Allen & Unwin.

Poirier, J.; Clapier-Valladon, S. & Raybant P. (1995). *História de vida, teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.

Politzer, G. (1928). *Crítique des fondements de la psychologie*. Paris: PUF. Edição portuguesa 1975: Lisboa: Editorial Prensença.

Romaní, O. (1991). *Drogodependientes: Circuitos informales y procesos de integración social*. Barcelona: IRES-PNSD.

Shaw, C. (1930). *The Jack Roller- a delinquent boy's own story*. Edição consultada de 1966. Chicago: University of Chicago Press.

Sutherland, E. (1937). *The professional thief – Annotated and interpreted by Edwin Hardin Sutherland*, 1989. Chicago: Chicago University Press.

Thomas. W. I & Znaniecki, F. (1918) *The Polish Peasant in Europe and America*. (5 vols). Boston: Richard G. Badger, 1918-20 (Vol. I and II originally published by the University of Chicago Press).

Vassilef, J. (1995). *Histoire de vie et pedagogie du projet*. Lyon: Chronique Social.